

Observar as mudanças, avaliar os riscos, pensar alternativas

The Lisbon MBA Part Time | Universidade Católica | Universidade Nova
Cerimónia de Graduação | 13. 11. 2014

Nasci em 1933, ano em que Adolf Hitler subiu ao poder na Alemanha, e esta coincidência veio a determinar o curso da minha vida. Decorreram entretanto oito décadas. É presumível que em nenhum outro período equivalente da história tenha havido tantas transformações no modo de vida e de trabalho, assim como no comportamento social.

Saímos da Polónia em fuga, em Setembro de 1939, passando pela Roménia, Itália e França, e vivemos alguns meses no Estoril. Chegámos ao Brasil em Junho de 1940. O Brasil era um país tranquilo, onde não existiam conflitos sociais ou raciais, controlado por uma pequena elite composta por governantes, empresários industriais e rurais, e por uma burocracia poderosa e indolente. Os ricos tinham pouco dinheiro e os pobres aceitavam a sua condição como uma fatalidade, porquanto o desenvolvimento era mínimo, havia um grau limitado de corrupção e muito compadrio e favorecimento. O analfabetismo era muito alto. Todas as famílias aspiravam a um emprego público para as filhas, como uma espécie de dote que facilitava arranjar marido. A elite do país inteiro, os donos e senhores de todos os estados daquele imenso país, concentrava-se no Rio de Janeiro, onde os seus membros mantinham casa. O Rio era a capital e ali tinha sede o Governo Federal, o Congresso, as instâncias nacionais da Justiça, bem como as principais instituições culturais. Um manancial de oportunidades e benesses... E era também no Rio que estava o Banco do Brasil, a única fonte verdadeira de financiamento no país. Nos anos 50 começou um movimento modernizador e a partir de 1956, com a eleição de Juscelino Kubitshek, veio a explosão do desenvolvimento.

Foi-me pedido um depoimento sobre a minha experiência de vida em 20 minutos, para este grupo de formandos do Lisbon MBA. Com esta limitação, naturalmente faço-o em *highlights*. Caso contrário, teríamos matéria para uma série de conferências... Vamos então tema a tema.

Começo pela explosão tecnológica.

Quando comecei a trabalhar, a máquina de calcular manual e mecânica era o único auxiliar de cálculo. Imaginem o que era elaborar uma *spreadsheet*, um plano financeiro projectado no tempo com variáveis... Levava vários dias para fazer o que hoje se faz em escassos minutos num computador portátil. As casas, os espaços públicos, os escritórios e os hospitais não tinham ar condicionado. Nos automóveis, não faltava só o ar condicionado. Não existia direcção assistida ou mudanças automáticas. As avarias de motor eram frequentes e os pneus furavam muito nas más estradas.

As comunicações, especialmente no chamado terceiro mundo, eram difíceis. As telecomunicações eram más e muito caras: as redes funcionavam mal e não eram fiáveis. Uma carta mandada do Brasil para os Estados Unidos ou para a Europa levava à volta de 10 dias a chegar. Contava-se com uma semana para redigir a resposta e com mais dez dias para a percurso inverso até ao Brasil. Ou seja: quase um mês para o que hoje pode ser feito, facilmente, no próprio dia. Posso continuar... *but you get the picture!*

Recordo, ainda, como a medicina evoluiu!

O meu pai morreu do coração aos 61 anos, em 1967, numa época em que ainda não havia bypass nem eram correntes os exames com prova de esforço. O electrocardiograma era o único instrumento de diagnóstico cardíaco. Na minha infância, havia frequentes casos de poliomielite, a chamada paralisia infantil, até ser descoberta a vacina que erradicou a doença pelo dr. Jonas Salk. Actualmente, todos temos nas nossas famílias e relações exemplos da evolução fantástica da medicina e podem estar certos de que a grande maioria dos procedimentos e medicamentos utilizados actualmente não existia nas primeiras décadas da minha vida.

A cirurgia plástica, a substituição de órgãos e de outras partes do corpo é hoje em dia tão generalizada que qualquer dia uma pessoa de idade já não se reconhece a si mesma... Mas a maior transformação social e moral da história veio com a pílula anticoncepcional. A sua introdução provocou uma explosão de liberdade sexual em ambos os sexos, afectando o comportamento dos jovens e conduzindo a uma alteração profunda das relações familiares. Este é apenas um exemplo das mudanças que foram enormes do ponto de vista da vida social e dos costumes.

Também os transportes evoluíram de forma extraordinária!

O avião a jacto encolheu o mundo e promoveu o Turismo, ao proporcionar condições de conforto e segurança. Quando comecei a voar, do Rio de Janeiro a Paris eram 18 horas de voo, com uma paragem em Dakar para reabastecer. A turbulência na travessia do Atlântico era dramática, devido à baixa altitude a que os voos eram realizados. Essa viagem para a Europa era cara e ninguém pensava em empreendê-la para menos de um mês de estadia.

Temos depois a evolução dos média e a explosão das novas formas de comunicação.

O aparecimento da televisão teve um impacte formidável e, tal como o avião a jacto, encolheu o mundo. Trouxe para dentro do lar o entretenimento e a informação visual instantânea. Sendo originário do Leste europeu, posso afirmar que a televisão foi um dos principais elementos da queda dos regimes comunistas e da dissolução do império soviético. Pelo simples facto de que as pessoas, proibidas de viajar, quiseram visitar o mundo que descobriam pela televisão e criaram desejo pelos objectos de consumo que ela lhes mostrava. A vida também mudou com o aparecimento das formas mais variadas de entretenimento electrónico, os *facebooks*, os *twitters*, os jogos e tantos outros brinquedos supérfluos. Estas novas formas de entretenimento e negócio são a fonte de um potencial problema económico, social e moral, que é a acumulação desproporcional de riqueza nas mãos de um pequeno número de pessoas.

Há dias, Janet Yellen, a presidente da Reserva Federal dos Estados Unidos, o Banco Central mais poderoso do mundo, falou publicamente da sua preocupação com a concentração excessiva de riqueza em poucas mãos. Deixem-me recordar apenas um número, a título de exemplo: a Google tem reservas de caixa de 82 mil milhões de dólares, muito mais do que o PIB de países como o Luxemburgo, a Líbia ou o Uruguai! Curiosamente, o guru e CEO da Google, Larry Page, numa entrevista ao Financial Times, falava há dias das consequências inevitáveis da mudança de paradigma no mundo do trabalho, com computadores e robots que executam cada vez mais funções e de forma mais rápida e fiável. Para Page — e nisto concordamos — não há maneira de escapar a esta realidade e não se pode simplesmente desejar que desapareça. As múltiplas aplicações práticas de tecnologia que vão surgindo são geradoras de desemprego, principalmente na meia idade. O risco de desemprego é muito elevado por volta dos 40 anos, e estamos a falar de pessoas que possivelmente não conseguirão voltar a trabalhar. Um dilema potencialmente transformador da estrutura da sociedade, sobre o qual seria útil pensar em alternativas.

Vale a pena determo-nos um pouco mais no tema das novas formas de comunicação, cujo impacte ainda não está devidamente estudado. O telemóvel, um instrumento de introdução relativamente recente, está a alterar a natureza do contacto entre as pessoas. Se, por um lado, o contacto é muito mais frequente, por outro é também mais impessoal, especialmente nas formas de comunicação por texto. Ao princípio, nesta evolução da mobilidade das comunicações, o telefone passou a ser um objecto que acompanha uma pessoa. Podemos dizer que hoje é a pessoa que acompanha o objecto... Anulado o contacto directo, as pessoas dizem o que não diriam pessoalmente. E fica por dizer o que diriam de olhos nos olhos...

Também a organização política dos países e as relações internacionais se vêem fortemente afectadas pelas novas tecnologias e formas de comunicação. Se é verdade que não se ganham eleições e sim se perdem, a internet facilita o ataque a quem está no poder e, quando bem operada, não permite tempo suficiente de defesa. Os processos eleitorais estão na mão dos que no Brasil se chama de «marqueteiros», especialistas na habilidade de introduzir os seus ataques nos *timings* mais propícios. Por outra parte, temos os fenómenos de abstenção elevada. Nos EUA um candidato ao governo acede ao poder se conseguir 26% dos votos do eleitorado potencial. Daqui decorre que a eleição é muito mais resultado de técnicas de comunicação focalizadas em nichos demográficos do que propriamente a opção dos eleitores por ideologias ou programas.

Outro fenómeno novo e perturbador é a capacidade de mobilização pela internet de eventos de protesto. Enquanto alguns têm uma finalidade política definida de oposição ao poder constituído, outros são de natureza mais difusa e inorgânica, mas com a capacidade grande de perturbação da normalidade. Ainda a semana passada em Londres, vindo do World Travel Market, no ExCel London (diga-se de passagem actualmente denominado Abu Dhabi Convention Center... facto também sintomático...) fui testemunha de um evento deste tipo. Ao fim da tarde, o trânsito ficou completamente paralisado em todo o centro da cidade, com grande mobilização de polícias fortemente equipados, devido a uma marcha que vinha pelo Park Lane, junto ao Hyde Park, até ao parlamento, para protestar contra o capitalismo. Após algumas horas da cidade bloqueada, verificou-se que se tratava de 4000 manifestantes convocados através de redes sociais. Estas ocorrências que não contêm propostas alternativas, à semelhança do Occupy Wall Street ou das manifestações no Brasil por altura da Copa, merecem ser analisadas, dada a sua frequência crescente.

Tema incontornável quando se fala de mudanças: o meio ambiente e as alterações climáticas. Quem tem razão? Os alarmistas ou os negativistas? A futurologia foi sempre um jogo sem certezas ou responsabilidade. Penso que o mais inteligente é cada um, individualmente ou no seu sector de actividade, fazer a sua parte com bom senso e equilíbrio, para proteger o futuro dos nossos descendentes.

Tenho dedicado a maior parte da minha actividade à criação de empreendimentos e o meu tempo livre à família, aos amigos, ao amor. Também dediquei e dedico algum tempo da minha vida ao apoio à cultura e às artes, uma ocupação egoísta pelo prazer que me proporciona.

Aos mais jovens que eu, deixo aqui um único conselho... O ser humano tem a inclinação de atribuir às circunstâncias e aos outros a culpa dos seus problemas. A reflexão no tempo e a revisão das ideias enraizadas me ensinou que, na maior parte das vezes, directa ou indirectamente, a culpa está em nós próprios. Encarar a realidade e assumir os erros que vamos cometendo fará de cada um de nós uma pessoa melhor. E mais serena.

Espero que estas observações vos sejam úteis. Aceitem os meus votos de sucesso e felicidade.

Lisboa, 13 de Novembro de 2014